

latinoamericana”, Universidad Pontificia de México, septiembre 1996, mimeo. Um estudo mais amplo está em sua brilhante tese *Deus Liberans. La Revelación cristiana en diálogo con la modernidad: los elementos fundacionales de la estética teológica*, Éditions Universitaires Fribourg (Suisse) 1996, 477 p. Sobre a questão ver, também, P. RICHARD, La reconstrucción de la esperanza. La Teología de la Liberación en búsqueda de nuevos paradigmas, in *Senderos* 43 (1993) 37-62.

<sup>26</sup> Cfr. G. Lipovetsky, La era del vacío. Ensayo sobre el individualismo contemporáneo, Anagrama, Barcelona, 1988.

<sup>27</sup> Sobre as mudanças em curso no seio da religião, ver J. M. Mardones, Para comprender las nuevas formas de la religión, Edit. Verbo Divino, Navarra 1994, p. 151-163; A. N. Terrin, Despertar religioso: nuevas formas de religiosidad, “Selecciones de Teología” 126 (1993) 127-137; R. Campiche

et alii, Individualisation du croire et recomposition de la religion, in “Archives de Sciences sociales des Religions” 81 (1993) 117-131; na América Latina, ver M. Azevedo, América latina. Perfil complexo de um universo religioso, in “Medellín” 87 (1996) 5-22; sobre as mudanças do cristianismo em relação à modernidade, ver D. Hervieu-F. Champion, “Les manifestations contemporaines du christianisme et la modernité”, in Centre T. Moro, Christianisme et modernité, Cerf, Paris, 1990.

**Endereço do Autor:**

ITESC - ex postal 5041  
88040-970 FLORIANÓPOLIS - SC

**Cristo, Fé e Batismo**

## Batismo: Nascer "da água e do Espírito" (Jo 3,5)

Pe. Ney Brasil Pereira  
Professor de Exegese Bíblica

**E**ntre os textos batismais do Novo Testamento, o de Jo 3,5 é certamente um dos mais importantes<sup>1</sup>. É a palavra de Jesus ao “mestre da Lei” Nicodemos, no decurso da visita que este lhe fez “à noite”: *Em verdade, em verdade te digo, se alguém não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no Reino de Deus*. Afirmação tão solene e peremptória, seu paralelo encontra-se nas palavras finais do mesmo Jesus no evangelho segundo Marcos: *Aquele que crer e for batizado, será salvo; quem não crer, será condenado* (Mc 16,16).

São dois textos claríssimos sobre a necessidade absoluta de “nascer da água” e “ser batizado”, além de “nascer do Espírito” e “crer”, cada um à sua maneira justificando o cânon do concílio de Trento contra Calvino: “Se alguém disser que a água verdadeira e natural não é necessária para o batismo e assim, portanto, reduzir a uma simples metáfora as palavras de Nosso Senhor Jesus Cristo: *a não ser que alguém tenha renascido da água e do Espírito Santo, seja anátema*”<sup>2</sup>.

Deixando para outra oportunidade o texto de Marcos, que une tão expressivamente fé e batismo - *quem crer e for batizado* - este artigo pretende aprofundar o texto de João: *nascer da água e do Espírito*. Palavras aparentemente simples, mas que, vistas em seu contexto, suscitam algumas perguntas. Primeiro, qual a exata relação entre “água” e “Espírito”, e por que é tão importante, mesmo necessário, *nascer da*

*água e do Espírito*? Segundo, por que, no v. 3, Jesus fala da necessidade apenas de *nascer do alto* ou *de novo*, sem mencionar a água? Por que, ao longo da primeira carta de João, se fala insistentemente em *nascer de Deus*, como também no prólogo do evangelho (Jo 1,13), sem qualquer menção da água? Essa menção da “água”, então, não seria, como propõe Bultmann<sup>3</sup>, uma “adição do redator eclesiástico”, e assim não pertenceria à afirmação original de Jesus?

Para esclarecer estas e outras perguntas, vamos, segundo o roteiro e as informações de De la Potterie<sup>4</sup>, apresentar: 1) uma síntese da história da exegese de Jo 3,5; 2) o contexto de Jo 3,5, no diálogo com Nicodemos; 3) a interpretação de Jo 3,5. No final, a síntese conclusiva.

### 1. SÍNTESE DA HISTÓRIA DA EXEGESE DE JO 3,5

1.1. A grande maioria dos comentaristas aceita o texto integral, como se encontra em todas as edições críticas, incluindo a alusão à *água, nascer da água e do Espírito*. A menção da água, no texto, seria para alguns uma referência ao batismo de João, ao qual Nicodemos deveria submeter-se, mas ele devia também, ainda, abrir-se ao Espírito, prometido pelos profetas. Para outros, o v. indicaria que o Espírito é dado pelo sacramento, isto é, pelo batismo cristão... Mas o texto diz outra coisa: diz que o “novo nascimento” é fruto simultaneamente “da água e do Espírito”

---

*“É necessário também ‘nascer do Espírito’, vivendo e agindo sob o seu impulso”*

---

materno do qual nascemos, o princípio ativo sendo o Espírito. Ou, como se exprimiu o jesuíta Cornélio A Lápide: “Concorre a água como mãe, e o Espírito Santo como pai”<sup>6</sup>. Outros, como já Clemente de Alexandria, invocam Gn 1,2 para ilustrar o nosso texto: “A regeneração, *anagénêsis*, como já toda a criação, *gênêsis*, se realiza mediante a água e o Espírito”. Entretanto, em Gn 1,2 há uma contraposição entre as águas primordiais e o Espírito que sobre elas pairava, enquanto aqui, em Jo 3,5, há uma coordenação de ambos para o efeito do “novo nascimento”.

Outra corrente exegética tende a dissociar a água e o Espírito: a água significaria o batismo cristão e o Espírito designaria a fé vivida, ou seja, a prática da vida cristã “segundo o Espírito”. É o que encontramos já no Pastor de Hermas, na primeira metade do II século, o qual em resumo afirma que não é suficiente receber o batismo, mas é necessário também “nascer do Espírito”, vivendo e agindo sob o seu impulso<sup>7</sup>. Também Justino Mártir, na sua Apologia I,61, descrevendo os passos da iniciação cristã, fala do “novo nascimento” pela fé e pelo batismo, citando Jo 3,5. No “Diálogo com Trifão” (38,2), ele fala da “estirpe cristã” que renasceu “da água, da fé, e do madeiro”, acrescentando ao duplo elemento de Jo 3,5 ainda um terceiro, o “madeiro”, que designa o mistério da Cruz. Ireneu, por sua vez, vê na “água e Espírito” de Jo 3,5, respectivamente, o batismo e a “invocação do Senhor” que o acompanha: “Nós somos purificados mediante a santa água e a invocação do Senhor, como crianças recém-nascidas, espiritualmente regeneradas...”<sup>8</sup>. Orígenes distingue, entre os cristãos, já no seu tempo, os que simplesmente nasceram “da água” e os que nasceram “do Espírito”... Agostinho, na controvérsia com os donatistas, afirma que não basta nascer só “da água”, sendo necessário também nascer “do Espírito”: e isto por uma conversão e transformação que não se realiza num só dia e que portanto não está ligada só ao batismo. Já na Idade Média, João Escoto Erígena, do século IX, explicará que a “água” indica o sacramento visível, isto é, o batismo, enquanto o “Espírito” significa a compreensão invisível daquilo que acontece no batismo, isto é, a fé que a nós é dada pela doutrina cristã sob a ação do Espírito. Esta posição do Erígena será retomada na *Glossa Ordinaria* do século XII: “É

to”, o texto original inclusive não repetindo a preposição mas dizendo, literalmente: *de água e Espírito*<sup>5</sup>. Entre os Pais da Igreja, João Crisóstomo formulou uma comparação que se tornou clássica: a água é como o seio

necessário o sacramento visível para a purificação do corpo visível, como é necessária a doutrina da fé invisível para a santificação da alma invisível”<sup>9</sup>.

Luero faz várias referências, nos seus sermões, a Jo 3,5. Num deles, afirma: “Se alguém quer nascer do Espírito, não se lhe pede outra coisa senão que se deixe batizar com a água e permaneça atento à Palavra, acolhendo-a com fé: assim, e não de outro modo, ele é regenerado para o Reino de Deus.” Noutra passagem, ele fala do “crescimento diário na fé” e também dos “frutos e obras do Espírito Santo, depois de termos sido batizados...” O célebre teólogo luterano do século XVII, J. Gerhard, explica que “o batismo não é simplesmente água, mas a água unida à Palavra de Deus; e esta é o meio, o instrumento pelo qual o Espírito Santo acende a fé nos corações humanos.” Segundo ele, ainda, “não há nenhum outro meio ordinário de regeneração senão a Palavra e o sacramento do Batismo.”<sup>10</sup> Um autor católico recente, P.M. de la Croix, assim se exprime: “Enquanto ‘nascer da água’ se reduz no tempo a um ato determinado que exige uma adesão de fé, ‘nascer do Espírito’ é uma realidade em constante desenvolvimento e marcada por incessante renovação. Ao Espírito devemos o fato de a nossa condição de filhos de Deus tornar-se uma realidade atuante. De ambos os lados há nascimento, mas de maneiras bem diferentes entre si. Uma é um fato preciso, acontecido no tempo uma vez para sempre; a outra está sempre em processo, em desenvolvimento: ... é a nova dimensão da ‘vida no Espírito’ de filho de Deus”<sup>11</sup>.

1.2. Outro ponto de vista é o dos críticos que distinguem dois níveis redacionais em Jo 3,5 e por isso interpretam o texto em dois níveis sucessivos: sem, e com, a menção da água. Os mais radicais, como Bultmann - que já lembramos acima - e, antes dele, Wellhausen e, depois dele, Lohse, propõem que a menção da água tenha sido introduzida pela Igreja, depois da redação do evangelho, não pertencendo pois ao texto original de João. Esta afirmação, porém, é arbitrária, porque não pode ser comprovada por nenhum testemunho da tradição textual, isto é, todos os manuscritos que possuímos, até os mais primitivos, todos apresentam o texto integral, incluindo a menção da água. Outros críticos, mesmo católicos, como F.M. Braun, X. Léon-Dufour, J. Leal, I. de la Potterie e outros, vão-se inclinando para admitir que a menção da água não remontaria ao colóquio como tal, de Jesus com Nicodemos, mas teria sido introduzida pelo próprio evangelista, no decurso da composição do seu texto, isto é, dentro do processo redacional. Cito A. Feuillet: “João quis certamente precisar o ensinamento original do Salvador, partindo da prática batismal da Igreja”<sup>12</sup> e/ou, acrescento, de uma disposição posterior do próprio Jesus.

Deste modo, para um versículo aparentemente simples, foi surgindo uma variedade grande de inter-

pretações, embora todas convergindo na identificação da água como alusão ao batismo cristão. A dificuldade que persiste é a de compreender qual a função, respectivamente, da água, por um lado, e do Espírito, por outro, no novo nascimento do crente. Na busca de um esclarecimento, não há outro caminho senão estudar o texto no seu contexto, isto é, no conjunto do diálogo de Jesus com Nicodemos. Devemos comprovar se a menção da água pertence, de fato, a uma camada redacional mais recente, ou não. Caso isso se comprove, deveremos interpretar o texto nos dois níveis redacionais: no supostamente primitivo, sem a menção da água, e no atual, com ela. Então, sim, estaremos preparados para captar o que quererá dizer a fórmula completa: *nascer da água e do Espírito*.<sup>13</sup>

## 2. O CONTEXTO DE JO 3,5, NO DIÁLOGO COM NICODEMOS

As palavras de Jesus sobre o “novo nascimento” são dirigidas a um dos personagens típicos do quarto evangelho: Nicodemos, descrito aqui como *um homem, entre os fariseus, um dos chefes dos judeus, que veio ter com Jesus “de noite”* (Jo 3,1-2). Mais adiante, no c. 7,50, ele voltará a ser identificado como “um dentre eles”, isto é, dos fariseus: e será novamente chamado por seu nome por ocasião do sepultamento de Jesus, no c. 19,39, quando o evangelista recordará que ele “viera ter com Jesus à noite”... Mas além de Nicodemos, que representa a fracção do judaísmo fariseu favorável, mas indeciso, frente a Jesus, temos também, no conjunto do c. 3, a personalidade de João

Batista, que decididamente reconhece Jesus, emergindo do conflito entre os dois batismos, o de João e o de Jesus, nos vv. 22-26.

Como propõe X. Léon-Dufour<sup>14</sup>, o tema do “novo nascimento” não deveria ficar restrito aos primeiros versículos do c. 3 (vv. 3-8), mas domina todo o conjunto do capítulo,

inclusive começando no final do c. 2, quando o evangelista sumariza a permanência de Jesus em Jerusalém após a purificação/rejeição do Templo. De fato, como demonstra o mesmo autor, notamos literariamente uma retomada, na segunda metade do capítulo, dos três tipos de estilo empregados na primeira, a saber:

Na primeira parte, em Jerusalém: a) uma *narrativa* (2,23--3,2a), do gênero “sumário”, introduzin-

do Nicodemos como um dos “muitos” que haviam ficado impressionados com os “sinais” de Jesus; b) um *diálogo* (3,2b-12), entre Jesus e Nicodemos, com o anúncio do “novo nascimento”; c) um *monólogo* (3,13-21), de tipo querigmático, análogo a uma profissão de fé. Na segunda parte, na Judéia, temos também: a) uma *narrativa* (3,22-26a), igualmente do gênero “sumário”, como a primeira, agora a propósito da atividade batismal de Jesus (!) e de João, introduzindo o testemunho de João Batista; b) um *diálogo* (3,26b-30), entre os joanitas e seu mestre, com o próprio testemunho de João; c) um *monólogo* (3,31-36), também querigmático, em terceira pessoa, concluindo com uma proclamação semelhante à do v. 3: ao fariseu Nicodemos Jesus afirmara que é preciso “nascer do alto”, para “ver o Reino de Deus”; aqui, ele (João Batista? ou o evangelista?) assegura que é preciso “crer no Filho”, para “ver a Vida” (3,36b). Assim, segundo o autor do quarto evangelho, o novo nascimento é uma condição absoluta: ele se realiza “do alto”, “pela água e pelo Espírito”, e implica a fé no “Filho do Homem, descido do céu e levantado sobre a Cruz” (cf 3,13-15)<sup>15</sup>.

Quanto à narrativa da primeira parte (2,23--3,2a), notar como os versículos iniciais do c. 3 supõem os vv. finais do c. 2: 1) a apresentação de Nicodemos como “um homem” faz eco à observação da frase anterior, no c. 2,25, na qual o evangelista informara que Jesus não precisava de que o informassem “sobre o homem”, porque ele sabia o que havia “no homem”; 2) a afirmação de Nicodemos sobre os “sinais que fazes”, no v. 2b, supõem a informação do v. 23 sobre os “sinais” que Jesus estava fazendo; 3) a identificação de Jesus pelo pronome, no texto original do v. 2a (*veio ter com Ele*), supõe a informação do v. 24, em que Jesus é identificado pelo nome.

Quanto ao diálogo (3,2b-12), verifica-se aí um esquema freqüente em João: a revelação de Jesus no v. 3 provoca a incompreensão de Nicodemos (v. 4), seguindo-se uma revelação mais extensa (vv. 5-8); nova incompreensão do seu interlocutor (v. 9) provoca o espanto (v. 10) e a terceira revelação de Jesus (vv. 11-12), a qual se estende no monólogo querigmático dos vv. 13-21. Eis, pois, o esquema: revelação-incompreensão, revelação-incompreensão, revelação<sup>16</sup>. Notar também que os três passos da revelação de Jesus são marcados pela solene introdução *Em verdade, em verdade*, típica do quarto evangelho. Outro detalhe a ser observado é a diferença entre o “sabemos” auto-suficiente do fariseu e da Sinagoga, no v. 2b, e o “sabemos” do próprio Jesus e da comunidade joanina, no v. 11. Também notável é a diferença entre o “ver” superficial dos “muitos” que, a partir dos “sinais”, começaram a “crer” em Jesus (2,23), e o “ver” pleno dos que, “nascendo do alto”, podem “ver” (em gr. *horáô*, diferente de *theôrêô*), “ver” o Reino de Deus e, crendo no Filho, “vêm” a

Vida (3,36). Uma “inclusão” interessante é a que se verifica no título dado por Nicodemos a Jesus, “mestre que vem da parte de Deus” (3,2), e retribuído por Jesus a Nicodemos, “mestre em Israel” (3,10).

Quanto ao prolongamento do diálogo no monólogo (3,13-21), notar aí o encadeamento das idéias através das “palavras-gancho”: a menção do “céu” no v. 12 leva ao desenvolvimento do v. 13, “subir ao céu” e “descer do céu”; segue-se a menção do Filho do Homem que, tendo “descido” do céu, é “levantado” (v. 14) e é o “Filho único”, “entregue” porque “Deus ama o mundo” (v. 16) etc. Nos 3 versículos finais desta secção contrapõe-se a luz às “trevas”, numa possível referência ao próprio Nicodemos que, tendo vindo ter com Jesus “de noite” (3,2), simbolicamente deixa as trevas e aproxima-se da Luz. Mas temos aí, também, no v. 14, a expressão de uma “necessidade”, paralela à necessidade do v. 7: *é necessário que o Filho do Homem seja levantado* (v. 14), correspondendo ao *é necessário nascer do alto* (v. 7), ou seja, nascer daquele que deve ser levantado na Cruz, de cujo lado traspassado brota a água-Espírito junto com o seu sangue (19,34)<sup>17</sup>.

Deixando os detalhes da narrativa, diálogo, e monólogo, da segunda parte do capítulo (3,22-36), concentremo-nos na primeira parte, que é o contexto próximo do versículo que nos interessa, o do nascimento “da água e do Espírito” (3,5). De la Potterie<sup>18</sup> contrapõe a “fé imperfeita” dos habitantes de Jerusalém, na narrativa introdutória (2,23--3,2a), à “verdadeira fé” proclamada no monólogo (3,13-21) e cujas condições são expostas no diálogo (3,2b-12). Trata-se de *crer no Nome* do Filho único de Deus (v. 18c), fé necessária para alguém poder tornar-se “filho de Deus” no Filho, como o lembra o prólogo (1,12), e fé que não deveria apoiar-se apenas nos “sinais”, como a dos mencionados habitantes de Jerusalém, cujo porta-voz é Nicodemos. “Crer no Nome”, expressão que no quarto evangelho ocorre só nestas três passagens e que retorna na primeira Carta (1Jo 3,23 e 5,13), significa aderir à Pessoa em quem se crê, ao mesmo tempo reconhecendo explicitamente o que significa o seu “Nome”: no caso de Jesus, a sua qualidade divina, de “Filho de Deus”, aquele que “desceu do céu” e que deve ser “levantado” para que *todo aquele que nele crer tenha a vida eterna...*

Examinando agora mais de perto a secção do diálogo (vv. 2b-12), notamos que aí não ocorre o verbo “crer”, a não ser no versículo final (v. 12), que introduz o monólogo querigmático. Aí, sim, o verbo “crer” ocorre insistentemente (quatro vezes), aludindo à fé verdadeira, diferente da fé superficial fundamentada na exterioridade dos “sinais” (cf 2,23 e também

a censura de Jesus em 4,48). No diálogo, Jesus descreve as condições para a fé verdadeira e a entrada no Reino, revelando-as ao “mestre em Israel” que está impressionado com os “sinais”: é preciso *nascer de novo*, rompendo com os valores até então inquestionáveis para Nicodemos. Notar, a propósito, que esta revelação de Jesus se encontra logo depois do seu repúdio ao Templo e seu culto (c. 2,13-22), ocasião em que ele anuncia que o Templo é, doravante, ele mesmo, o seu próprio corpo! Pois bem, Jesus revela outrossim que é preciso *nascer da água e do Espírito* (3,5), retomando e explicando o que já dissera no v. 3: é preciso *nascer do alto*. Ora, já

---

*‘Nascer de novo,  
rompendo com os  
valores até então  
inquestionáveis  
para Nicodemos’*

---

mencionamos o fato de que, entre as várias palavras-gancho que ocorrem no texto, não se encontra a “água”, isolada no v. 5 e literariamente dispensável. Se o evangelista a introduziu ali é porque considerou-a um acréscimo necessário, para expressar não só a prática reconhecida do batismo cristão na Igreja primitiva<sup>19</sup>, mas também uma ulterior expressão da vontade de Jesus, como a que encontramos no final dos evangelhos segundo Mateus e segundo Marcos.

A propósito, veja-se como a tradição sinótica exprime as condições para entrar no Reino, sem a referência explícita ao batismo: *Se não vos converterdes e não vos tornardes como as crianças, não entrareis no Reino...* (Mt 18,3); *Aquele que não receber o Reino de Deus como uma criança, não entrará nele* (Mc 10,15); *Uma coisa te falta (para “herdar a vida eterna”): vai, vende o que tens, dá aos pobres...* (Mc 10,21, completado com 10,23: *Como é difícil a quem tem riquezas entrar no Reino de Deus!*). Quer dizer, a “entrada no Reino”, dependendo das circunstâncias e dos interlocutores, é expressa sempre com uma ruptura, um “converter-se”, um “despojar-se”, que equivale, de certo modo, ao “nascer do alto” ou “de novo” ou “do Espírito”, que Jesus propõe a Nicodemos. Com estas explicações prévias podemos, agora, partir para a interpretação expressa de Jo 3,5. Mas vamos fazê-lo, seguindo ainda De la Potterie<sup>20</sup>, em dois tempos: examinando primeiro a fórmula simples, *nascer do Espírito* e, depois, a fórmula completa, *nascer da água e do Espírito*.

### 3. A INTERPRETAÇÃO DE JO 3,5

#### 3.1. A fórmula simples: *nascer do Espírito*

Já chamamos a atenção para os paralelos sinóticos, especialmente o de Mt 18,3, onde a condição para entrar no Reino é a “conversão” e o “tomar-se como as crianças”, isto é, toda uma reviravolta deci-

dida, acompanhada de um processo, um “tornar-se” pequeno diante de Deus, reconhecendo nossa impotência e por isso mesmo abrindo-nos à sua graça. Tal é a disposição fundamental, sem a qual não há acesso ao Reino de Deus, esse Reino que, segundo Mc 10,15 e Lc 18,17, deve ser “acolhido” como o acolheria uma criança, como puro dom, pura graça. É por isso também que, segundo as palavras iniciais do ministério de Jesus em Marcos, diante da “boa notícia” da chegada do Reino é preciso “converter-se” e “acreditar”, crer nessa “boa notícia” (Mc 1,15).

A fórmula joanina, *nascer do Espírito*, é mais radical. Faz remontar a necessidade de nos tornarmos “como as crianças” até ao próprio início da existência, exigindo um “novo nascimento”, uma vida nova. Enquanto os Sinóticos fazem supor um esforço humano, João sublinha a ação da graça de Deus, a obra do Espírito<sup>21</sup>. Notar também que esse “nascer do Espírito”, ou seja, por obra do Espírito, é a explicitação e a retomada do v. 3, no qual ouvimos a primeira revelação de Jesus ao “mestre em Israel”: é preciso *nascer do alto*. E aqui, duas observações: 1) “nascer”, em gr. *ghennêthēnai*, lit. “ser gerado”: o passivo “ser gerado” realçaria a paternidade divina, como é o caso no c. 1,12-13 e também na 1Jo 3,9; 2) “do alto”, em gr. *ánōthen*, poderia entender-se tam-

*cido de mulher, nascido sob a Lei, para remir os que estavam sob a Lei, a fim de que recebêssemos a adoção filial, e assim nos tornássemos filhos... (cf Gl 4,4-6); Todos os que são conduzidos pelo Espírito de Deus são filhos de Deus. Com efeito, não recebestes um espírito de escravos... mas o de filhos adotivos, pelo qual clamamos: Abbá, Pai. O próprio Espírito se une ao nosso espírito para testemunhar que somos filhos de Deus... (Rm 8,14-16).*

Voltando a Jo 3,5, “nascer do Espírito”, poderíamos reportar-nos a duas cenas do relato bíblico: primeiro, em Gn 2,7, a insuflação de Javé Deus sobre as narinas de Adão, transmitindo-lhe o sopro da vida corporal: segundo, em Jo 20,22, a insuflação de Jesus ressuscitado sobre os Onze, transmitindo-lhes o Espírito Santo. Como argumenta R. Brown<sup>23</sup>, se a vida natural é atribuída à doação do espírito/alento vital, cuja retirada significa a morte (cf Gn 6,3; também Sl 104,29; Ecl 12,7), assim a vida eterna, a nova vida, tem início pela ação do Espírito, o Espírito Santo. É claro que, da parte do crente, deve haver a aceitação, na fé, desse dom.

Teria Nicodemos podido entender esse “nascimento do Espírito”? Provavelmente sim, sendo ele um “mestre em Israel”, habituado à leitura dos Profetas, p. ex. Is 32,15 e Jl 2,28-29, que descrevem os últimos dias como marcados pela irrupção do Espírito. Há também o texto de um apócrifo do século II aC (*Jub* 1,23-25): “Criarei neles um espírito santo e os justificarei. Serei o seu Pai e eles serão meus filhos”. Um texto de Qumran, contemporâneo a Nicodemos e a João, exprime-se de maneira semelhante: “Ele vai purificá-los de todas as suas más ações por meio de um espírito santo; como águas purificadoras Ele vai aspergir sobre eles o Espírito da Verdade” (1QS 4,19-21)<sup>24</sup>.

Mas temos, além de no Prólogo, uma série de textos na primeira carta de João, que falam em “nascer”, ou “ser gerado”, *de Deus*, expressão evidentemente paralela e até equivalente a “nascer do Espírito”, uma vez que, segundo Jo 4,24, *Deus é Espírito*<sup>25</sup>. Antes de tudo, no Prólogo: *os que nasceram de Deus, e não do sangue nem da vontade da carne, são os que “acolheram” o Lógos e “crêem no seu Nome” (cf Jo 1,12-13). Na primeira carta de João há uma insistência notável nesse “nascer de Deus”, aí ocorrendo a expressão nada menos que 6 vezes: 1) nasceu de Deus “todo aquele que pratica a Justiça” (1Jo 1,29); 2) todo o que nasceu de Deus “não pratica o pecado, porque nele permanece a semente (lit. o sēmen) divina, e não pode viver em pecado, porque nasceu de Deus (1Jo 3,9); 3) “todo aquele que ama” nasceu de Deus e conhece a Deus... (1Jo 4,7); 4) “todo o que crê que Jesus é o Messias/Cristo, nasceu de Deus... (1Jo 5,1); 5) tudo o que nasceu de Deus vence o mundo, e “esta é a vitória que vence o mun-*

---

*“Na primeira carta de João há uma insistência notável nesse ‘nascer de Deus’ ”*

---

bém “de novo”, e assim de fato é que Nicodemos entende, sendo porém logo corrigido por Jesus. Temos aí um caso típico da ambigüidade joanina, o mesmo vocábulo prestando-se a duas interpretações (no v. 31 deste mesmo capítulo, o sentido será inequívoco: “do alto”). Aqui, “do alto” quer dizer “do céu” (cf 3,12), “de Deus”, como no Prólogo (1,12-13) ou, como Jesus vai explicar no v. 5, “do Espírito”.

Quanto a este “novo nascimento”, para se poder “ver o Reino de Deus”, é interessante lembrar o que diziam os rabinos, segundo o Talmud babilônico (art. *Yebamot* 48b), dos prosélitos que “tomavam sobre si o jugo do Reino dos céus”: eles começavam uma vida nova, e eram “como crianças recém-nascidas”<sup>22</sup>, expressão que encontramos também na primeira carta de Pedro: *Desejai, como crianças recém-nascidas, o leite espiritual... (1Pd 2,2). Na mesma carta de Pedro encontramos outra alusão ao “novo nascimento”: Fostes regenerados, não de uma semente corruptível, mas da incorruptível, mediante a Palavra viva de Deus... (1Pd 1,23). Notar, ainda, nas cartas paulinas aos Gálatas e aos Romanos, a idéia da “adoção filial”: Deus enviou seu Filho, nas-*

do, a nossa fé" (1Jo 5,4); 6) "sabemos que *todo o que nasceu de Deus* não vive em pecado... (1Jo 5,18). Das 6 incidências, 5 delas insistem nos resultados ou características do "nascido de Deus", a saber: (1) ele pratica a Justiça; (2) não pratica o pecado; (3) ama; (5) vence o mundo, pela fé; (6) não vive em pecado. A quarta incidência (1Jo 5,1) faz uma explicitação cristológica: *nasceu de Deus* todo aquele que crê que Jesus é o Cristo, numa afirmação semelhante à do Prólogo, como vimos acima.

Sendo, pois, o texto de Jo 3,5 o único em que o evangelista fala expressamente em "nascer do Espírito", enquanto nas outras vezes em que se refere ao novo nascimento ele fala em "nascer de Deus", qual seria a sua intenção, aqui no diálogo de Jesus com Nicodemos? Poderíamos falar, aqui, sem prejuízo da intenção antropológica (contraposição entre "carne" e "espírito", cf v. 6), numa intenção pneumatológica, isto é, de realce da ação do Espírito, na linha do que aparecerá nas promessas do Paráclito. De fato, nos cc. 14-16, o Espírito é prometido como o "Espírito da Verdade", que dá testemunho sobre o Cristo e conduz à plenitude da Verdade (cf 16,13). Para o novo nascimento ocorre, pois, a ação do Espírito: só ele poderá tornar-nos capazes de crer e, em consequência, de, "ver" o Reino e "entrar" nele.

### 3.2. A fórmula completa: *nascer da água e do Espírito*

No conjunto do c. 3 de João, especialmente levando em conta a segunda parte, que focaliza o testemunho do Batista e descreve, mesmo se rapidamente, um ministério batismal do próprio Jesus (cf 3,22-26 e, ainda, 4,1-2), não é de estranhar a inserção da menção da água, como uma condição ritual complementar, ou mesmo prévia, para que aconteça plenamente o novo nascimento.

É sabido como, nos três Sinóticos, a cena do batismo de Jesus recebe um realce todo especial. É sabido também que, além do batismo de João, conhecia-se o batismo dos prosélitos do judaísmo, em prática desde o século I aC<sup>26</sup>. Quanto à instituição do sacramento como tal, temos apenas as instruções finais de Jesus em Mt 28,19 e Mc 16,16. Neste último texto estão sintetizadas as duas condições da salvação: "crer" e "ser batizado". É o que se depreende também da prática da Igreja primitiva nos Atos dos Apóstolos, p. ex., em At 2,38, quando Pedro responde aos primeiros adeptos: *Converti-vos, e seja cada um de vós batizado em nome de Jesus Cristo*. Notem-se aí as duas condições: "converter-se" e "ser batizado". Enfim, todas as numerosas referências ao batismo, no Novo Testamento, insistem sempre nos dois elementos: o rito (a água), e o significado, ou as condições, do rito.

Quanto a João, além do diálogo com Nicodemos, temos, no final do seu evangelho, o realce extraordinário que ele dá à cena do trespasse do lado do Crucificado: o sangue e a água que dele escorrem (cf 19,34), simbolizam a eficácia salvífica do sacrifício de Jesus, consubstanciada - segundo a interpretação unânime dos Pais da Igreja - nos sacramentos da Eucaristia e do Batismo. Isto, porém, desde que se dirija o olhar *para Aquele a quem trespassaram* (19,37): é a fé como condição para que a salvação se realize. Não esquecer, diante dessa água que jorra do peito do Crucificado, a proclamação que Ele fizera sobre si mesmo em plena festa das Tendas: *Quem tem sede, venha a mim - e beba, aquele que crê em mim* (7,37)... Mas temos ainda, na primeira Carta, o "tríplice testemunho", isto é, *do Espírito, da água, e do sangue* (1Jo 5,6-8), o Espírito conduzindo à fé naquele que veio "pela água e pelo sangue", isto é, pelo Seu batismo e pela Sua paixão. Nestas alturas passamos a compreender por que, na continuação do diálogo com

Nicodemos, Jesus fala do Filho do Homem que deve ser "levantado" (na Cruz) *a fim de que tenha nele a vida eterna todo aquele que crer* - nesse Crucificado que é o Filho de Deus, ou nesse Filho de Deus que é o Crucificado (cf 3,14-15).

Ainda quanto à fórmula de Jo 3,5, poderia perguntar-se por que a menção da água antecede à do Espírito (*nascer da água e do Espírito*), quando seria mais lógico o contrário, à semelhança do *quem crer e for batizado* de Mc 16,16. De la Potterie, que faz a pergunta<sup>27</sup>, responde que João aqui não estaria preocupado com a ordem lógica do processo, que deixaria a "água" para depois do "Espírito", como em Mc 16,16 (primeiro a fé, depois o batismo), mas prefere sobretudo insistir nos progressos da vida de fé - "no Espírito" - depois da conversão formalizada, ritualizada pelo batismo. A propósito, confira a ampla perspectiva do texto de Mt 28,19-20, em que se fala do batismo precedido do discipulado (!) e seguido da instrução para a observância dos mandamentos... Assim, João quereria expressar a continuidade da ação do Espírito também depois do batismo, isto é, a transformação duradoura do "homem carnal" em "homem espiritual": *quem nasceu do Espírito é espírito* (3,6b), isto é, se deixa conduzir pelo Espírito<sup>28</sup>. A propósito, vale a pena lembrar uma das afirmações

---

*"Todas as numerosas referências ao batismo insistem sempre nos dois elementos: o rito (água), e o significado, ou as condições do rito"*

---

conclusivas da segunda parte do capítulo: ... pois Ele (o Pai? e/ou o Filho?) dá o Espírito sem medida (3,34). É inegável a importância e a profundidade desta perspectiva, que evidentemente não minimiza a necessidade do rito<sup>29</sup> mas a complementa: É preciso nascer da água, sim, mas também, e absolutamente, é preciso nascer do Espírito.

### SÍNTESE CONCLUSIVA

Chegando ao final deste estudo sobre o texto de Jo 3,5, que impressiona pela sua formulação absoluta - se alguém não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no Reino de Deus - demo-nos conta da necessidade de situá-lo no seu contexto próximo (no diálogo com Nicodemos e em todo o c. 3 do quarto evangelho) e ao mesmo tempo no seu contexto mais amplo, no conjunto de todo o evangelho joanino e

*"Cada dia, de novo, é preciso nascer da água e do Espírito"*

mesmo do Novo Testamento e de toda a Bíblia. Demo-nos conta igualmente da problemática dos dois prováveis níveis da redação: o primeiro, mencionando só o nascer "do Espírito"; e o segundo, que é o que temos à disposição e que saiu das mãos do redator final do quarto evangelho e é o texto canônico, mencionando água e Espírito como as duas fontes igualmente necessárias<sup>30</sup> para o novo nascimento, sem o qual não entraremos no Reino.

Todas as reflexões e observações feitas - que poderiam ser prolongadas - devem ter-nos ajudado, espero, a valorizar esta solene afirmação de Jesus sobre o significado deste rito fundamental de nossa fé. É um rito, que, como todos os ritos, não pode reduzir-se ao rito. E nisso está o grande valor da formulação joanina, que prolonga o rito, feito uma só vez, num instante, e estende-o ao longo da vida. Sem diminuir o significado de ruptura que ele implica, e ruptura que tem início num momento determinado, a formulação joanina prolonga-a no dia a dia: cada dia, de novo, é preciso nascer da água e do Espírito. E isto vale quer para a maioria de nós, que, por graça de Deus e pela intervenção de nossos pais e da Igreja, fomos batizados em nossa infância, quer para os que são batizados como adultos. Embora nestes a experiência seja peculiar, pelo fato de o batismo assinalar a sua conversão e sua opção pela fé, no entanto, também eles, como nós, deverão depois prolongar esta opção no dia a dia, renascendo, também eles, da água e do Espírito dia por dia.

Ainda uma reflexão, que faço com X. Léon-Dufour<sup>31</sup>: como entender, em nossos tempos de

"macro-ecumenismo" e de respeito às convicções religiosas dos outros, como entender esta exigência absoluta de Jesus?<sup>32</sup>. Ainda mais que a exigência do "novo nascimento" passa pela aceitação da fé nele, segundo a afirmação igualmente radical do v. final do c. 3: *Quem crê no Filho tem a vida eterna. Quem, porém, recusa crer no Filho, não verá a Vida...* (3,36) O pecado, pois - e é o "pecado do mundo", segundo a afirmação do c. 16,9 - está na recusa, na obstinação. Diante do Cristo que se revela, explicita ou implicitamente, o ser humano terá que optar. Se sair de si, optando por Ele, implícita ou explicitamente reconhecido na pessoa dos "mais pequeninos", então será salvo: *Nós passamos da morte para a Vida, porque amamos os irmãos* (1Jo 3,14). De resto, quem opte por Ele explicitamente, de boa vontade submeter-se-á ao rito, que formaliza esta opção na comunidade dos que nele crêem: os que, nele, "renascem da água e do Espírito".

Para anunciar com toda a convicção e coerência esta maravilha que é o mistério do nosso Batismo, é preciso, porém, primeiro dar o testemunho de pessoas de fato renascidas "da água e do Espírito", e por isso dispostas ao serviço e capazes do diálogo<sup>33</sup>: então sim, com humildade mas com firmeza, poderemos, aos Nicodemos de hoje, anunciar a boa notícia de Jesus.

### NOTAS

<sup>1</sup> Assim I. de la POTTERIE inicia seu estudo sobre Jo 3,5 no livro *La vita secondo lo Spirito* (livro em parceria com S. LYONNET), edit. Ave, Roma, 1967 (trad.), p. 35

<sup>2</sup> Denzinger 858

<sup>3</sup> Cit. em R. BROWN, *The Gospel according to John*, vol. I, Anchor Bible, Doubleday, New York, 1966, p.142

<sup>4</sup> De la POTTERIE, op. cit.

<sup>5</sup> A semelhança de outra famosa expressão do quarto evangelho: *em Espírito e verdade*, também com uma só preposição para os dois termos (cf Jo 4,23-24)

<sup>6</sup> Cf De la POTTERIE, op. cit., p. 38

<sup>7</sup> Id., *ibid.*, p. 40

<sup>8</sup> Id., *ibid.*, p. 42

<sup>9</sup> Id., *ibid.*, p. 43

<sup>10</sup> Id., *ibid.*, p. 44

<sup>11</sup> Id., *ibid.*, p. 45

<sup>12</sup> Id., *ibid.*, p. 47

<sup>13</sup> Id., *ibid.*, p. 47

<sup>14</sup> X. LÉON-DUFOUR, *Leitura do Evangelho segundo João I*, ed. Loyola, SP, 1996 (trad.), p. 215-219

<sup>15</sup> Id., *ibid.*, p. 218

<sup>16</sup> Cf De la POTTERIE, op. cit., p. 49

<sup>17</sup> Cf J.MATEOS-J.BARRETO, *O Evangelho de São João*, Ed. Paulinas, SP, 1989 (trad.), p. 170

<sup>18</sup> Cf op. cit., pp. 53-56. Adapto, porém, a estrutura de DE LA POTTERIE à de LÉON-DUFOUR cit. acima.

<sup>19</sup> DE LA POTTERIE, op. cit., p. 59s

<sup>20</sup> Id., *ibid.*, p. 61 e ss

<sup>21</sup> Id., *ibid.*, p. 64s

<sup>22</sup> Cf F.F.BRUCE, *João, Introdução e Comentário*, Ed. Vida Nova, SP, 1987 (trad.), p. 80

<sup>23</sup> R.BROWN, *op. cit.*, p. 140

<sup>24</sup> Id., *ibid.*, p. 140

<sup>25</sup> Deus é Espírito, e não: "um espírito perfeitíssimo", como dizia o nosso velho Catecismo. Isto é, Deus não é "um espírito" entre outros, mesmo sendo "o mais perfeito", mas é "Espírito", que é como João define a divindade. Com razão o adverte DODD (cf *A Interpretação do Quarto Evangelho*, ed. Paulinas, SP, 1977, trad., p. 303), explicando: "Para expressar a fórmula trinitária ele fala, não de Pai, Filho e Espírito, mas de Pai, Filho e Paráclito, ficando o termo *pneûma* reservado à divindade como tal (cf Jo 4,24). Espírito indica a realidade ou o Ser absoluto, realidade poderosa e vivificante, em contraste com a impotente *carne/sarks*. Por isso é que o único caminho para o homem elevar-se da vida inferior à superior é *nascer do Espírito*, que é também *nascer de Deus* (cf Jo 3,5 e 1,13 !)

<sup>26</sup> Id., *ibid.*, p. 140

<sup>27</sup> Cf DE LA POTTERIE, *op. cit.*, p. 69s

<sup>28</sup> R.BROWN (*op. cit.*, p. 144) se pergunta se João, mencionando o Espírito depois da água, não estaria pensando na comunicação do Espírito através do batismo. Acontece que os dois substantivos estão coordenados com uma só preposição, conferindo unidade, não subordinação, à ação da água e do Espírito. Por sinal, a tradução literal da formulação grega é a seguinte: *nascer de água e Espírito...*

<sup>29</sup> DE LA POTTERIE (*op. cit.*, p. 72s, reporta um caso típico de interpretação ritualista de Jo 3,5, nas chamadas *Pseudo-Clementinas*, um texto do século IV, no

qual o autor simplesmente omite a menção do Espírito (!): "Em que contribui a água do batismo para o culto de Deus? Primeiro, cumpre-se o que Ele mandou; segundo, tendo alguém sido regenerado das águas e renascido para Deus, supera-se a fragilidade do primeiro nascimento e afinal se pode alcançar a salvação, impossível de outro modo. Pois assim o 'verdadeiro Profeta' atestou: *Quem não renascer da água, não entrará no Reino dos céus!* Por isso, apressai-vos, pois nestas águas está a virtude da misericórdia que *no início pairava sobre as águas...* Acorrei, portanto a estas águas, pois só elas podem extinguir a violência do futuro fogo... (*Recognitio* 6,9, in PG 1,1352)

<sup>30</sup> Ou tratar-se-ia, e é mais uma possibilidade que ainda não mencionei, levantada por X. LÉON-DUFOUR (*op. cit.*, p. 225) e outros antes dele, de uma *hendíade*, que poderíamos traduzir assim: "da água do Espírito", ou: "da água que é o Espírito". Isto nos levaria ao texto de Ezequiel: *Derramarei sobre vós uma água pura... infundirei em vós um espírito novo.. o meu Espírito...* (cf Ez 36,25-27)

<sup>31</sup> X. LÉON-DUFOUR, *op. cit.*, p. 256-258

<sup>32</sup> Veja o artigo de H.RIBEIRO, *Jesus Cristo, o Salvador Único e Universal*, neste número de nossa revista, p.p 3-5

<sup>33</sup> Cf as quatro dimensões da Evangelização, segundo o Projeto da CNBB em preparação para o grande Jubileu

#### Endereço do Autor:

ITESC - cx postal 5041  
88040-970 FLORIANÓPOLIS, SC

### Cristo, Fé e Batismo

# Batismo e Missão

Pe. Dr. Valter Maurício Goedert  
Professor de Liturgia

**A** missão compete a todos os cristãos, afirma João Paulo II em sua Encíclica "*Redemptoris Missio*" (RM 2). É tarefa comum a todos os fiéis, exatamente porque tem como primeiro fundamento os sacramentos do batismo e da confirmação. Infelizmente, porém, enfoques teológicos unilaterais, no passado, transformaram o batismo em sacramento para o ingresso no céu, esquecendo que, antes de tudo, é porta de entrada na Igreja. Em detrimento das dimensões eclesial e histórica, acentuou-se exageradamente o aspecto transcendente, escatológico do batismo. Por conse-

guinte, a ação pastoral se preocupava em batizar o mais rapidamente possível para "garantir" a salvação, olvidando que a salvação futura constitui o final feliz para quem, nesta vida, viveu comprometido com Cristo e com a humanidade.

O objetivo deste estudo é analisar aspectos fundamentais da relação batismo-missão, percorrendo os textos da Sagrada Escritura assim como foram acolhidos e vividos pela experiência multissecular da Igreja e recolhidos pela reflexão teológica de todos os tempos. Como se trata, apenas, de um estudo, não é possível ir fundo nas questões como seria desejável e, até mesmo, oportuno. Mais do que afirmações con-